

Marla Stewart, POR STÉPHAN ZWEIG

ZWEIG procura a verdade histórica entre os detratores e os paladinos de Maria Stewart, e a realidade sob a lenda. Como sempre esta realidade é menos poética, porém mais humana e dramática do que a lenda. Maria Stewart não é, em suma, nem monstro, nem anjo, mas uma personalidade feminina típica, com o eterno claro-escuro acentuado dos temperamentos bem definidos.

Zweig serve-se da psicologia positiva moderna como guia. A psicanálise é aí manifesta e confessada; mas sente-se também, embora não confessada, a influência directa ou indirecta da *Characterologia*. Certos retratos psicológicos de Zweig dir-se-iam traçados por Kretschmer, em particular o de Knox, que se diria retirado do capítulo de Kretschmer «Os Chefes e Heróis», um dos mais notáveis do seu livro «La Structure du Corps et le Caractère».

No resto, à parte detalhes, Zweig limita-se a desenrolar uma história conhecida. Como sempre, um mar de lama, onde se perdem alguns cristais; e a simpatia do leitor só encontra, afinal, neste lodo em fluxo, um ser generoso, fiel, humano e digno, o qual personagem é o cão de Maria Stewart...

E como sempre, o livro põe-nos sob os olhos, com intensa vida, um momento do grande conflito das forças mecanóides da História, forças biológicas, económicas, orgânicas, sociais. E este momento é particularmente interessante, sob tal ponto de vista, porque se refere à época de transição em que à barbara e grosseira Idade-Média sucede a Renascença. Em diferentes lugares do espaço, coincidem momentos diferentes do fluxo histórico; a França já em plena Renascença, a Escócia em plena anarquia feudal, em plena barbaie medieva, e a Inglaterra na transição de uma para a outra. Estas diferenças põem em foco os organismos que se decompõem e se reformam, as forças em conflito, o dissolver e a nova cristalização das superestruturas mentais e místicas, o fluxo da vida colectiva inconsciente arrastando tudo na sua torrente.

A mecânica da vida histórica torna-se aqui manifesta e o livro de Zweig é um bom documento para o estudo das suas leis.

Em particular Zweig põe em evidência, sem o saber, o conflito eterno das «classes biológicas», quer na sua forma colectiva quer na sua forma individual. O seu talento de psicólogo põe a nú a *characterologia* dos personagens com a precisão quasi de um Kretschmer; e o autor declaradamente os faz mover segundo as próprias leis dos temperamentos.

Assim, mais uma vez, como o temos feito notar já, a *Characterologia* científica encontra uma brilhante confirmação na *Characterologia* literária.

Mythes socialistes, THIERRY MAULNIER

Maulnier sai a campo, com o seu livro «Mythes socialistes» contra o sentimentalismo socialista e as ideologias do mesmo género que para ele significam uma demissão da inteligência. Maulnier combate igualmente a extrema esquerda e a extrema direita, e o seu ataque dirige-se em particular contra os intelectuais. A caridade e a piedade são fáceis, o que é difícil é a justiça e a resolução de problemas complexos que a vida nos impõe: «O que é preciso pedir à juventude, não é a sua força mística, mas a sua força de atenção; e que ela se desvie dos fáceis entusiasmos que iludem o destino para ir ao conhecimento lúcido que nos permite vencê-lo».

«Entre o idealismo subjectivo e a sociologia determinista, diz Maulnier, não é possível ao pensamento moderno escolher, sem mutilar de um lado e outro a realidade. Não é possível também pactuar. O subjectivismo idealista, o objectivismo social devem ser, não conciliados, mas ultrapassados. A filosofia de amanhã, herdando os dados utilizáveis do idealismo subjectivo e os métodos objectivos da sociologia, deve ultrapassar as sistematizações parciais de um idealismo sem presa sobre o mundo e de um naturalismo sem presa sobre o pensamento, para atingir a realidade de humano e de social».

De acôrdo; e toda a gente sabe isto... Smplesmente estamos ainda muito longe da época em que tal coisa seja possível. A ciência e a filosofia científica não conseguiram ainda nem a redução do subjectivo ao objectivo (Irreductibilidade de Tyndall) nem a sua síntese. Já em vários locais temos insistido em que a persistência actual da Irreductibilidade de Tyndall torna impossível actualmente os desejos de Maulnier. A divisão do mundo em físico e moral, em subjectivo e objectivo, agrupa os conhecimentos em dois blocos, dos quais um avança de rápida progressão científica enquanto o outro se move lentamente. Ciências formais e ciências naturais, de um lado, ciências morais, psicológicas, históricas, sociais, etc., de outro, formam ainda hoje, pela razão citada, dois blocos irreductíveis. Por outro lado as relações do empírico e do lógico, da inteligência e da experiência, do à priorismo etc. não estão filosoficamente resolvidas e esta solução é condição necessária para se atingir a meta desejada pelo autor. Os progressos do pensamento positivo contemporâneo, o neo-positivismo, o positivismo empiro lógico, a Escola de Viena, etc., constituem já um movimento importante neste sentido: mas a grandeza mesma deste esforço mostra quão longe estamos ainda daquilo que Maulnier julga possível, isto é, a síntese do subjectivo e objectivo.

Por outro lado, para realizar tal desejo, seria necessário um progresso da psicologia e da história que ainda se não realizou. Sem a realização de uma psicologia científica são impossí-

veis certos grandes movimentos científicos e filosóficos; e sem o conhecimento das leis da História, da mecânica das sociedades, etc., é impossível uma sociologia científica. Desta forma a evolução geral, histórica, dos conhecimentos, conduziu-nos a um grande desnível entre as ciências formais e naturais, de um lado, e as morais e históricas, do outro. Este desnível é a causa essencial de muitas dificuldades do pensamento e da vida contemporâneos e tornam impossível o desiderato de Maulnier. Não basta formular desejos, é necessário considerar as condições limitantes, sem o que não faremos mais do que especular no vazio.

L'homme est il humain? RAMON FERNANDEZ

Revista crítica do pensamento contemporâneo em caos. O autor refuta as «religiões» em moda, religião do inconsciente, religião da intuição, e afirma a sua confiança no racionalismo, que, verificado e mais misturado à vida, deve opôr-se às especulações dos fabricantes de mitos.

Ramon Fernandes foca neste livro o mesmo fenómeno que o autor destas notas tem analisado sob o título de «*dissolução mística do pensamento*». Este fenómeno, como o tenho feito notar, é perfeitamente análogo ao que se verifica na decadência da Grécia, e parece ser um sintoma da decadência das civilizações e das suas crises agudas. Creio que a este mesmo fenómeno se refere o livro actualmente muito citado «*La Vague mystique*», de Sageret, que não tive ainda a occasião de ler.

MAURICE MAIGRE: Inde Magie (Gallimard)

Citamos aqui este livro porque é um curioso documento referente precisamente à *dissolução mística* do pensamento a que acima nos referimos. Sintoma indirecto mas característico. Magie proclama a derrota do espírito científico e fala-nos de factos sobre-naturais, aparições, conversas com os mortos, visões fantásticas e escorpões encantados, uma série de factos que, na Índia e na China, escapam às leis conhecidas, e que o autor trata com absoluta seriedade, sem qualquer ironia, numa credulidade encantada...

... Talqualmente como outróra, quando na Grécia decadente, tudo vivia na obsessão de mistérios orientais, de religiões ocultas, de magia, e no hipnose do sobre-natural, assim hoje a Europa está sófrega de Faquires, de mistérios, de conversas com mortos, de espiritismo, de teosofismo, de hermetismo e de... escorpões encantados.

Abel Salazar.